

"Vem e me mostra o seu olhar", entrevista com a artista professora Mapige

"Come and show me your look", interview with the artist teacher Mapige

"Ven y muéstrame tu mirada", entrevista a la artista profesora Mapige

Hélida Costa Coelho¹

Fabio Wosniak²

1 Doutoranda em Artes visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/2021). Mestra em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás (UFG/2019), com ênfase na linha de pesquisa Educação, Arte e Cultura Visual. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5484712325733701> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9518-6834> e-mail: helidacostacoelho@gmail.com

2 Doutor em Artes Visuais (UDESC), Professor, Vice coordenador da Licenciatura em Artes Visuais da UNIFAP/AP, vice diretor de Departamento e Diretor da EDITUNIFAP. Colaborador no Mestrado Profissional em Artes da URCA/CE. Líder do Grupo de Pesquisa Experiências e Dissidências nas Artes Visuais/CNPq/UNIFAP. Currículo Lattes <https://lattes.cnpq.br/6525393533253057> ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5881-7414> e-mail: f.wosniak@unifap.br

RESUMO

Refere-se a uma entrevista com a artista professora Maria Pinho Gemaque. Conhecida como Mapige a artista visual-ativista, nortista, trabalha com processos de criações em poéticas visuais, performance, desenho, colagens, fotografia, intervenção urbana, videoarte, instalação artística, livro de artista, filme.doc, produção cultural, curadoria de exposições, intercâmbio e vivência artística. Tecendo um diálogo entre arte e a artista professora percorro os processos de criação, intervenção artística, performances e ações artísticas de Mapige com o objetivo de ampliar a reflexão sobre a arte contemporânea, experiência estética e à docência. Proponho pensar a prática artística a partir da sua dimensão pedagógica, política e discursiva que se reflete na obra de Mapige. Com a utilização de processos metodológicos da netnografia, a entrevista foi feita pela rede social WhatsApp, em dezembro de 2021 em decorrência dos efeitos de distanciamento da pandemia Covid-19 e o surto de gripe. O resultado da entrevista foi uma conversa inspiradora, repleta de curiosidades e descobertas sobre a vida, o processo criativo e a obra da artista.

PALAVRAS-CHAVE

Arte contemporânea; Artista professora; Experiência estética.

ABSTRACT

It refers to an interview with the artist professor Maria Pinho Gemaque. Known as Mapige, the visual-activist artist, from the north, works with creative processes in visual poetics, performance, drawing, collages, photography, urban intervention, video art, artistic installation, artist's book, film.doc, cultural production, exhibition curation, exchange and artistic experience. Weaving a dialogue between art and the teaching artist, I explore Mapige's processes of creation, artistic intervention, performances and artistic actions with the aim of expanding reflection on contemporary art, aesthetic experience and teaching. I propose to think about artistic practice from its pedagogical, political and discursive dimension that is reflected in Mapige's work. Using netnography methodological processes, the interview was carried out via the social network WhatsApp, in December 2021 due to the distancing effects of the Covid-19 pandemic and the flu outbreak. The result of the interview was an inspiring conversation, full of curiosities and discoveries about the artist's life, creative process and work.

KEY-WORDS

Contemporary art; Teaching artist; Aesthetic experience.

RESUMEN

Se refiere a una entrevista con la profesora artista Maria Pinho Gemaque. Conocida como Mapige, la artista visual-activista, del norte, trabaja con procesos creativos en poética visual, performance, dibujo, collages, fotografía, intervención urbana, videoarte, instalación artística, libro de artista, film.doc, producción cultural, exposición. curaduría, intercambio y experiencia artística. Tejiendo un diálogo entre el arte y el artista docente, exploro los procesos de creación, intervención artística, performances y acciones artísticas de Mapige con el objetivo de ampliar la reflexión sobre el arte contemporáneo, la experiencia estética y la enseñanza. Propongo pensar la práctica artística desde su dimensión pedagógica, política y discursiva que se refleja en la obra de Mapige. Utilizando procesos metodológicos de netnografía, la entrevista se realizó a través de la red social WhatsApp, en diciembre de 2021 debido a los efectos de distanciamiento de la pandemia de Covid-19 y el brote de gripe. El resultado de la entrevista fue una conversación inspiradora, llena de curiosidades y descubrimientos sobre la vida, el proceso creativo y la obra del artista.

PALABRAS-CLAVE

Arte contemporáneo; Artista docente; Experiencia estética.

Apresentação

“Artista professora”, “professora artista”, “artista-professora”, é nesse deslocamento, reposicionamento e experimentações entre as identidades artista e professora que apresento Mapige². E apostando em dizer que a ordem das palavras “artista” “professor” não altera a importância, nem atributos qualitativos de sentidos e significados. Ao contrário, possibilitam pensar em múltiplas combinações como indica Louro (2010, p.14) “[...] as palavras podem significar muitas coisas. Na verdade, elas são fugidias, instáveis e tem múltiplos apelos [...]”.

Maria Pinho Gemaque, artista-professora, conhecida pelo nome artístico Mapige, criação artística construída pela união das iniciais do seu nome, tem seu trabalho reconhecido no contexto da arte contemporânea dos estados Pará e Amapá. Nasceu em 1982 na cidade de Chaves/PA, mas reside em Macapá/AP há 28 anos. Mestra em Artes pela Universidade Federal do Pará/UFGPA, estudou desenho artístico na Escola de Arte Cândido Portinari/AP e trabalha como professora de Artes Visuais na rede estadual de ensino do Amapá. Sua poética é permeada de experimentações pictórica, corporal, material alternativo, têxtil, imagética, visual e audiovisual.

Escolhi apresentar a artista Mapige, a partir de um desafio proposto em uma disciplina eletiva da pós-graduação, o desafio consistia em fazer uma pesquisa selecionando no mínimo vinte artistas professores com uma carreira consistente na relação professor x artista. Dessa forma, os principais conceitos que norteiam este texto se fundamentam na identidade Artista Professor, na perspectiva dos teóricos John Dewey (2010), e Joaquim Jesus (2013). Interessei-me aprofundar a pesquisa sobre Mapige, por conhecer sua trajetória artística que permeia nesse lugar de debate com a arte educação contemporânea e, principalmente, para divulgar a arte do contexto amazônico, pouco conhecido nos Estados do Sul, talvez pela localização geográfica ou pelas diferenças regionais.

Com base em perspectivas metodológicas da netnografia³ (Kozinets, 2014), a entrevista foi feita no formato virtual, por meio de trocas de mensagens pela rede social WhatsApp. Respeitando as regras de distanciamento em decorrência da pandemia da covid-19 e pelo surto gripal. A entrevista foi transcrita e editada, acatando as exigências de artigo científico, com a autorização de publicação da convidada. Organizei um roteiro, com perguntas, fundamentadas no referencial teórico estudado na disciplina e uma pesquisa sobre a vida e obra de Mapige.

O itinerário desse relato foi organizado a partir das teorias sobre ser artista e professor, na experiência, no diálogo com a professora Mapige e nas reflexões que a prática artística e a identidade de artista professor demanda.

2 Integrante do Coletivo de Arte Psicodélico. Disponível em <http://coletivopsicodlico.blogspot.com/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

3 “Netnografia é uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural na Internet. Sua abordagem é adaptada para estudar fóruns, grupos de notícias, blogs, redes sociais etc.”. Disponível em <https://www.scielo.br/j/interc/a/bbtrxdV3v8bwyFwsMxKGvvg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 mar. 2024.

Minha cor (É) vermelha



Figura. 1 Minha Cor é vermelha.

Minha cor (é) vermelha⁴ (figura 1) é uma performance política, apresentada por Mapige, fala de conflitos que povos originários vivenciam e que ainda estão (in)visíveis aos olhos dos poderes ou não dão a real importância. Indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas, povos que resistem por garantias de direitos e qualidade de vida. O desmatamento, o agravamento de conflitos no campo, a destruição das florestas, modos de vida e culturas são temáticas de conflitos constantes no contexto amazônico.

Ousadia, cores, subjetividades, feminismos, regionalismo, pluralismos adensam o debate presente nas obras de Mapige. Suas performances são propostas que interagem com o público e provocam uma experiência questionadora, sensações e múltiplos sentimentos.

Ora ela apresenta sua arte, por meio de pinturas, colagens, instalações, intervenções artísticas, ora constrói com seus alunos uma relação de autoconfiança e encorajamento para compreender os problemas existentes em seus espaços e expressar, experimentar por meio da arte seus ideais, inquietações etc. Na qual o aluno é provocado, nas aulas de Mapige, a experimentar, produzir, refletir, resolver problemas, saber se relacionar com seus pares e com o outro, fazer o exercício da alteridade, se autoconhecer, pensar e agir no contexto social ao qual está inserido.

⁴ Título faz referência a performance apresentada por Mapige em 2019. A descrição completa da performance, com o nome "Minha Cor (É) Vermelha: performance como ritual, imagem como pele da performance" foi publicada em 2021 na Revista Poiésis, Niterói, v. 22, n. 37, p. 63-76, jan./jun. 2021.

Vale ressaltar que, de acordo com Barbosa (2002) em seu livro “Jonh Dewey e o ensino de arte no Brasil”, destaca toda a contribuição dada por Dewey a educação brasileira e evidencia a fala das experiências e da ação. Aponta a experiência artística e principalmente a experiência estética para pensar no potencial da experiência, e que deve estar ligada a prática da vida cotidiana de um contexto social de onde a pessoa se encontra.

Nessa perspectiva, fazendo uma analogia da experiência com a arte produzida pela professora artista Mapige pode se discorrer pelo pensamento da interação com a obra de arte (Obra de arte x Produto da arte)⁵, segundo Dewey (2010), a obra de arte só existe se tiver a troca entre o espectador e o artista, que o espectador não é só aquele que recebe, ou que está vendo, ele participa do processo de ação, da experiência, que se aproxima ao processo do artista. Que a obra de arte é a troca, a experiência da relação entre artista e espectador.

O artista, na concepção de Dewey, seria aquele que “comparado a seus semelhantes, é alguém não especialmente dotado de poderes de execução, mas também de uma sensibilidade inusitada às qualidades das coisas. Essa sensibilidade também orienta seus atos e criações”. (Dewey, 2010, p. 130.)

Assim, a arte de Mapige permeia nesse lugar de troca, de empatia, de atitude artística-estética, de experiências estéticas com o mundo e com o outro. As figuras 2 e 3 abaixo, retratam uma exposição de pintura e performance organizada e apresentada pela artista professora junto com outras artistas macapaenses, Emi Barbosa e Fiana Glissia. Na exposição, traçam linhas de pensamentos sobre ser artista e a arte ligada diretamente à vida e as vivências cotidianas.



Figura. 2 e 3 Performance da artista Mapige. Exposição Estante do (In) Visível. Fonte: <http://www.unifap.br/estudantes-de-escola-publica-visitam-exposicao-da-galeria-de-artes-da-unifap/>.

⁵ Explicação discorrida na Aula aberta na disciplina Sobre Ser Artista Professor do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais – PPGAV _ UDESC, Palestra “Uma introdução à estética de John Dewey” com Prof.ª M.ª Laura Elizia Haubert. Disponível em <https://youtu.be/We7AumoNCm4>. Acesso em: 13 mar. 2024.

Nesse sentido, Jesus (2013), em sua tese “(In)visibilidades: Um estudo sobre o dever do professor-artista no ensino em artes visuais”, nos ajuda a compreender no trabalho desenvolvido por Mapige, como as escolhas do artista professor deve ultrapassar os limites de ser um mero transmissor de conhecimento, e sim aquele que transforma o conhecimento em possibilidades “[...] que conduz pela ação das discussões e investigações dos seus alunos, aprendendo o lado deles e com eles.” (Jesus, 2013, p. 201). Assim, é imprescindível nas produções identitárias de um professor artista tornar os alunos mais autoconfiantes e conhecedores de suas inquietações.

Jesus (2013, p. 43) “[...] diria que o conceito de professor-artista é uma maneira de ser e estar no ensino da arte.” Ou seja, de diálogo e de expectativas. Aquele que se reinventa, problematiza, experimenta e reflete isso em ação, por necessidade da sua relação com o artístico.

A atuação da professora Mapige é criativa e múltipla sua prática artística dialoga e se relaciona com as teorias e práticas artísticas e reflexivas no ensino das artes visuais contemporâneas. Jesus (2013) ensina que o professor-artista deve sempre estar se reinventando em decorrência da sua relação com o mundo. Daí que as experiências sejam tão diversas quanto os artistas e as possibilidades de ensino se tornem infinitas.

Nesse caminho, o curador e escritor Nicolas Bourriaud (2011) complementa que na arte contemporânea não se trata mais de gerar sentido através dos signos representados como acontecia no período das vanguardas, mas “[...] de produzir relações com o mundo”. (Bourriaud, 2011, p.157). Segundo Bourriaud, em entrevista concedida a Revista Perfil⁶, a “Arte, isto é, a prática artística, é tornar visível o invisível”. E exatamente nessa linha de pensamento que Mapige desenvolve seus projetos. “E é a partir dessas teorias, que trabalho com movimentos de resistência po(é)tica nas cidades das ribeiras amazônicas em arte contemporânea, pois é preciso resistir para existirmos”. (Recorte da entrevista com Mapige, 2021).

Escutar a artista-professora sobre seu processo de trabalho e suas inquietações nos permite reorganizar nossa maneira de ver o mundo. E repensar para além da prática artística, até porque, toda prática artística decorre em uma dimensão pedagógica, política e discursiva. A conversa, as imagens e os pensamentos nos incitam a invenção e ao protagonismo de ser professor artista.

A entrevista

Entrevistadora: Andei pesquisando suas redes sociais e vi a publicação de vários temas relacionados a arte. Vejo também que você permeia por vários lugares, técnicas, estilos, experimentos. **Como você relaciona a sua produção com a sua trajetória artística?**

⁶ Entrevista completa. Disponível em <https://brasil.perfil.com/noticias/mundo/nicolas-bourriaud-a-arte-torna-visivel-o-invisivel.phtml>. Acesso em: 13 mar. 2024.

Mapige: Para início de conversa, venho de uma família que possuía uma fazenda de bovinos na ilha do Marajó, em Chaves-PA, na 'beira da praia', e dos meus 3 aos 10 anos interagi com as (re)invenções/bricolagens que a minha vó paterna fazia ao montar feixes de lenhas com galhos de árvores secas e ao empilhá-los uns sobre os outros era uma verdadeira instalação artística, ao coletar castanha de andiroba e frutos de pracaxi na beira da praia e em seguida lavá-las, cozinhá-las, quebrá-las, tirar das cascas, triturá-las em um pilão ou em moinho manual, levá-las ao sol por alguns dias e depois montar em forma de bolo redondo sobre uma calha larga feita de tronco de árvore que ficava inclinada e para finalizar inseria uma trança de algodão que auxiliava na extração do óleo, tudo isso era invenção da vovó, mas era uma arte instalativa do fazer artesanal do nosso lugar.

Outra interferência que chamava atenção eram as tapagens que o meu pai fazia com o vovô nos rios ou na praia com galhos de arvores ou com tarugos de acapu para capturar os peixes e que eram chamadas de tapagens, era uma Land Art do lugar. A forma como colocavam as redes de pesca no mar delimitando vários metros do rio, tudo isso era uma interferência do cotidiano e das nossas vivências com nosso lugar. Eram as nossas (re)invenções de sobrevivências com o lugar.

E nos caminhos fluídos até água do rio mar, era coletada e ficava em repouso em filtros de barro por 24h para filtrar a areia e argila para que pudéssemos beber.

Percebi que tudo que vivi no meu lugar passava por um ritual do cotidiano das pessoas mais velhas que viviam no lugar.

Aos 11 anos vim para cidade de Macapá, morei e ainda moro em um bairro de favela, fiz capoeira, balé, pintura e teatro no centro de vivência do Bairro do Muca, em 200, participei do Projeto teatro pé na estrada do grupo teatral língua de trapo nos apresentamos em vários municípios, entre 2003 e 2005 estudei desenho artístico na Escola de Artes Cândido Portinari aprendi várias técnicas de desenho e pintura, participei de várias ações na cidade, exposições, apresentações das escolas e sem saber o que era performance sempre fazia algo parecido nas apresentações da escola, até porque nunca fui uma boa atriz.

Em 2006 estudei Artes Visuais na UNIFAP e iniciei os meus estudos sobre arte contemporânea e performance, fui criticada porque as pessoas não compreendiam a arte da performance, muitos falavam que eu não era artista, mas nunca desisti sempre caminhei firme, conheci muita gente do meio da performance uma delas foi o Arthur Leandro que sempre acreditou na gente. Em 2007 participamos do grupo de Arte contemporânea dimensões e tivemos o vídeo performance "Silendus: o corpo transformado", selecionado no Paço das Artes na USP através do Cine Falcatrua, em 2008 conheci o Coletivo Camaradas do Crato-CE e realizamos vivências e residências artísticas em parceria com o Grupo de interferência ambiental da UNE com professores e estudantes de escolas públicas, foi onde conheci a palavra "Professor artista" e partir dessa vivência percebi que era possível trabalhar com arte contemporânea na escola e engendrar o fazer artístico com o fazer docente, até porque, podíamos desenvolver várias linguagens da arte em uma sala de aula e nesse caminho, podíamos levar também a performance.

Mas, o que de fato ampliou os meus caminhos po(é)ticos foi a minha paixão pela docência e pelo fazer artístico, pois acredito que só é possível ter um público fluí(dor) de arte se você estiver dentro da sala de aula, isso é uma questão minha e autora e arte educadora Lucia Pimentel da UFMG, ela confirma esse sonho em suas pesquisas.

Entrevistadora: Como se dá o seu processo de invenção?

Mapige: Por meio de vivências com pessoas e lugares, rodas de conversas, cafés, viagens, intercâmbios artísticos, residência artística, laboratórios de criações com estudantes em escolas públicas do estado do Amapá e do Crato/CE.

Entrevistadora: Quais suas referências na arte? Com quem você dialoga?

Mapige: Converso com muita gente, mas não deixo de ser quem sou Mapige Gemaque, Arthur Leandro ensinou-me a desdobrar o meu olhar para o lugar de onde vim e claro que é o lugar de onde vem a minha arte, hoje, vejo os espaços das ribeiras amazônicas com outros olhares e sei como criar desdobramentos com arte contemporânea, segundo Professor de Teatro Dr. Romualdo Palhano qualquer tema deste lugar se transforma em performance em minha corporeidade.

Marina Abramovic, mesmo sendo uma artista europeia, tem contribuído com meu trabalho ao falar da relação que existe entre o corpo e o lugar, entre o lugar e corpo onde a performance está sendo realizada, é como se a performance fosse a escrita da imagem e a imagem o ato/ação performática que se expande no lugar onde está sendo realizada e envolve-se com tudo e com todos que estão naquele espaço de forma sensível, efêmera ou visceral em um caminho ou ação que pode transmitir medo, dor, estranhamento, desafios, temporalidades, desespero, (des)equilíbrio, limites, poderes, opressão, fronteiras, diversidades e entres outras subjetividades que pertence a cada pessoa que vivencia/interage com um ritual performático.

Nas entre linhas da vida contemporânea, viver é um risco, tanto faz performaticamente ou no "aqui agora", é por isso que tenho dialogado com teóricos da antropologia da performance como Victor Tauner que nos fala que os nossos rituais, símbolos e ritos de passagem da vida podem ser construídos a partir das problemáticas e dos fatos sociais que acontecem em um determinado grupo social/sociedade e que de alguma forma pode atravessa-me enquanto artista e estes atravessamentos são pesquisados, vivenciados e transformados em arte-performance. É a partir dessas teorias, que trabalho com movimentos de resistência po(é)tica nas cidades das ribeiras amazônicas em arte contemporânea, pois é preciso resistir para existirmos.

Leio também o professor de Estudos da Performance o teórico Richard Schechner que busca conceituar o que é performance em várias categorias, mas o que me chama atenção neste teórico são as orientações para se fazer ou praticar um ato performático, em alguns momentos chamo de receita em estado de construção, é um trabalho performático que se aproxima das instruções do livro Grapefruit da artista

Yoko Ono e tem tudo a ver com o trabalho que tenho desenvolvido como artista-professora em escolas públicas da cidade de Macapá desde 2010 tenho buscado caminhos sobre processos de criações em performance e poéticas visuais em escolas públicas e essa busca tem diluído as fronteiras entre o ensino de arte, a relação entre alunos-professora e escola, já ultrapassamos até os portões da escola e fomos fazer uma conversa sobre arte contemporânea na casa de uma aluna foi interessante.

E a fim de fundamentar as conversar nessa linha do ser artista professora, interajo com as artistas professoras, Sanda Rey, Sônia Rangel que mesmo sendo da área de teatro possui um olhar sensível e aguçado, sobretudo, que um artista guarda nos quintais de sua casa e que ficam adormecidos esperando novos encontros e continuidades. E para dar continuidade a essa conversa a autora Cecilia Salles nos fala nos livros *Processos de Criações em grupo* e *Gestos Inacabados* que o trabalho de um artista nunca está acabado ou pronto, está sempre esperando uma nova continuidade e nossos processos de criações.

Vale ressaltar também, que desde 2014 tenho buscado e pesquisado processos de criações no campo da performance antropológica e essas buscas têm me levado a dialogar com vários artistas e autores dessa linha depende do trabalho e da performance a ser realizada, pois o leque de artistas e autores são extensos.

Entrevistadora: Podemos falar sobre sua experiência docente? Há quanto tempo você é professora? E qual ou quais os seguimentos?

Mapige: vai fazer 17 anos, iniciei a minha vida docente no segundo semestre de 2006 a 2011 no cursinho pré-vestibular da UNIFAP como voluntária, o maior desafio foi fazer com que os estudantes tivessem interesse em estudar arte, pois a visão deles eram deturpadas, em 2007 fui convidada pelo Professor Benê para ministrar aulas de arte no Cursinho pré-vestibular Equipe, fiquei dois meses lá, saí porque fui a SP apresentar um trabalho. Em 2008 fui estagiar no SESC/AP no setor de cultura, foi um verdadeiro desafio entre teatro, artes visuais, literatura, cinema e música, em 2010 – 2011 fui para Mazagão trabalhar como professora de artes no ensino fundamental e na EJA e desde 2012 atuo na educação profissional e se contarmos só com rede de ensino pública somam-se 12 anos de docência entre educação básica e educação profissional. E desde 2010, tenho buscado caminhos enquanto artista professora para trabalhar com ensino de arte e processos de criações artísticas em sala de aula.

Entrevistadora: Relate uma aula que foi para você extremamente significativa? E que percebeu o mesmo efeito nos alunos. Como aconteceu? Você tem registro em fotos?

Mapige: a sala de aula é o meu espaço de criação, na pesquisa de mestrado (re)inventei um livro de artista sobre processos de criações em performance e po(é)

ticas visuais⁷, nele tem quatro conversas que convidam os estudantes a vivenciarem e a criarem uma obra de arte e conversando rompemos as fronteiras e produzimos.

Nestas conversas, os estudantes tomaram **como ponto de partida o olhar**, e neste momento, uma estudante me falou, “nós conseguimos enxergar as coisas no outro, e para outro, mas em nós, não!” (Conversa de campo, 2017). Entranhei-me nesta conversa e falei para os alunos vamos (des)locar o nosso olhar para a nossa memória, o que você via na infância, e o que você não consegue mais ver no “aqui agora”? Já que, “para Schechner, rituais são memórias coletivas codificadas em ações, ou seja, acrescento, em performances. A princípio, não faria sentido separar ritual, memória, arte e as contextualizações nas quais se expressam” (Nunes, 2016, p. 1250). E a partir da instigação os estudantes começaram a experimentar. Viajaram nas tramas da infância interagindo com objetos que caminhavam entre os rituais das brincadeiras e dos objetos culturais. E desse (entre)cruzamento trouxeram ainda os momentos da infância quando viviam com seus avós nos quintais, ou terrenos plantando, regando, limpando e colhendo frutos. Falaram que não ligavam para o espelho quando crianças, porque a aparência não importava, mas agora ela (a aparência) faz com eles criem estes trânsitos e é uma forma de se conhecer. O paneiro é um elemento típico das pessoas que moram nas ribeiras amazônica. Quando entrou em cena, os estudantes externaram saudades lágrimas vítreas e emoções – quando uma estudante lembrou de seu pai que fora assassinado durante uma saída para pescar: “quando eu era criança, eu tinha o meu pai e agora não tenho, éramos felizes, tínhamos casa e agora não temos nem onde morar, a outra família dele tomou tudo que nós tínhamos” (conversas de campo, 2017). Além de trabalhar com as sensações, também criavam os autorretratos de suas realidades instigados pela conversa – 02.

Outra aluna falou que não se olhava no espelho porque tinha uns quilos a mais e os seus colegas eram preconceituosos e a rechaçavam, mas agora essas questões já foram superadas. Houve um grupo que criou uma roda, onde cada um segurava um espelho para o outro se vê, a ideia foi falar de si através da imagem que viam no espelho do outro.

As conversas além de criarem (des)locamentos artísticos, aproximaram os estudantes de suas vidas e realidades cotidianas. Nestas conversas, crio (des)locamentos viajantes entre o vazio e os espaços das casas dos estudantes, através de diálogos com o autor Manuel de Barros.

Estes vazios que fazem parte do livro e entram nas conversas foram sinalizados por um crítico de arte e, a partir deste interpelamento sobre os vazios que se entranham nos meus fazeres, busquei compreender e criar sentidos nas conversas, por meio dos espaços vazios. Será mesmo que são vazios? Após as conversas com os estudantes, eles falaram que nem tudo que está entre o vazio e o cheio configuram-se nestes conceitos. Houve grupos que falaram das suas emoções, sentimentos, amores e memórias contextualizando o vazio. Outros fizeram narrativas de espaços que expressam o vazio, tais como: os motéis que sinalizam o cheio, através das luzes

7 Vídeo narrativo da aula chamada de “Viagens poéticas”, construída pela artista professora Mapige. Disponível em https://youtu.be/AbGan7_SaAw. Acesso em: 13 mar. 2024.

vermelhas e o vazio pelas luzes verdes. Mas, eles sempre vão estar cheios de objetos, embora as luzes verdes estejam acionadas.

E assim, teceram as conversas e deram forma aos seus processos poéticos articulando sentidos e caminhos de criações. Ainda nessa conexão, os estudantes criam interações com a conversa-04.

Deste atravessamento, passamos para a conversa de número quatro, que nos fala que a casa de uma pessoa diz mais sobre ela, do que ela mesma! Aqui, tanto eu, quanto os estudantes, passamos a deslocar os nossos olhares para os espaços das nossas casas, e nos encontramos em alguns. Da entrada da minha casa, desloquei para a escola a mesa, da cozinha, um fogão com botijão com gás, uma cafeteira e alimentos para instalar as mesas de “cafés (con)versantes” em nossos processos de criações na escola. Durante as conversas percebemos que as mesas e o ato de comer e conversar nos aproximavam. Nos encontramos também, através de objetos simbólicos que carregam as nossas lembranças, as nossas crenças. Dentre estes, mencionamos o filtro dos sonhos, as mandalas, as xícaras ou canecas de estimação, os bichos de pelúcia, os mobilhes, as fotografias e as formas de receber as pessoas com café, um ritual cotidiano que acontece diariamente nas ribeiras amazônicas, lembro como se fosse hoje, a minha avó servindo café para as visitas na ilha do Marajó, em Chaves/PA.



Figura. 4 Capa do Livro de Artista. Expressa os processos de criações artísticas e as relações com outros artistas, 2017. Acervo: Mapige Gemaque.



Figura. 5 e 6 Instalação: encontro da artista Mapige, 2017. Acervo: Mapige Gemaque.

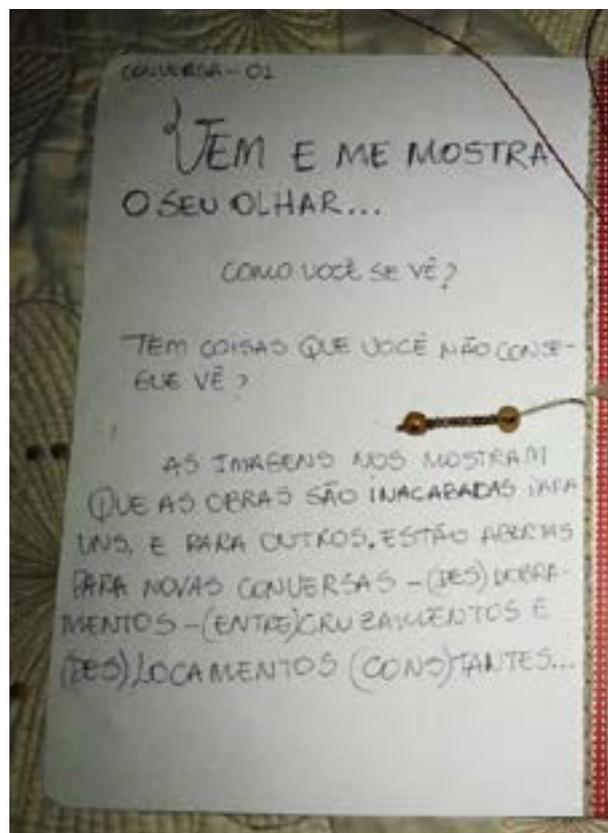


Figura. 7 Instalação: encontro da artista Mapige, 2017. Acervo: Mapige Gemaque.

Entrevistadora: Como você articula e tenciona suas aulas?

Mapige: primeiro eu elaboro um plano de ensino estratégico que pode ser alterado de acordo com as minhas conversas com os alunos e, ao entrar em sala de aula passo a observar tudo que cria fronteira entre professor, aluno e ensino de arte e a partir desses olhares, vou fazendo anotações e durante o processo de ensino busco aproximar os estudantes do tema a ser estudado.

Quando trabalho com arte contemporânea no caso do relato a cima, levo para sala de aula uma caixa/mala/sacola/pote de barro com objetos que possam criar uma conversa entre o tema a ser estudado para criar relação dos estudantes com este conteúdo, pois não gosto de entrar direto no assunto e quando percebo que os estudantes já estão falando sobre o tema, fazendo perguntas, passo vídeos curtos, coloco a turma sempre círculos, procuro sair da sala de aula e procuro outros espaços da escola, levo imagens, obras de artistas contemporâneos, em alguns encontros levo artistas que atuam na cidade ou em outro estado para conversarem com os estudantes, levo café, lanche, etc... E quando os alunos começam a levar imagens, vídeos, textos de artistas da performance, do street art, da instalação, da vídeo arte, da fotografia e da intervenção.

Eu crio junto com eles um pequeno roteiro de criação artística com perguntas e respostas.

1 – O que mais lhe inquieta na sociedade contemporânea, na sua vida e na sua casa? Por quê?

2 – De acordo com o que os estudamos respondem, pergunto se gostariam de fazer uma performance, intervenção, fotografia, etc., sobre este tema?

Se a resposta for sim...

Peço para que os alunos criem um 'mapa para encontrarem o tesouro', da forma que eles quiserem, pesquisem tudo sobre o tema em jornais, revistas, internet, filmes, etc... Façam anotações e colagens, viagem da forma que bem entenderem...

Após este processo de viagem, eu peço para que eles pensem:

Qual será a linguagem escolhida?

Onde vão realizar o trabalho/espço?

Como será?

Quem será o público?

Que materiais vão utilizar?

Como será o processo de criação?

Como será a interação com o público?

Depois que tudo está encaminhado e resolvido, convido eles para circularem no espaço antes de montar o trabalho e assim vamos caminhando, veja a imagem abaixo:



Figura. 8 Instalação denuncie - Escola Raimunda Virgolino/AP, 2017. Acervo: Mapige Gemaque.

A instalação apresentou a simbologia do abuso-violência-infantil. O objeto ficou exposto no corredor da escola, dando à composição múltiplas possibilidades metafóricas de viagens e interações. Logo, desloquei-me em direção ao grupo e perguntei, porque haviam trabalhado com o tema em questão e, uma estudante falou: “é algo que me inquieta, acompanho as matérias jornalísticas da cidade e só neste ano de 2017, quase 400 crianças foram abusadas, isso é um caos social, os responsáveis devem pagar por este crime, professora”. Ao visitar o site, tomei conhecimento desse mal que circula em torno da infância de uma criança e, deixa sintomas que perduram por um bom tempo na vida das vítimas. Ainda bem que arte problematiza esta questão, enfrenta e denúncia.

Essa instalação ocupou um espaço de 6 metros por 6 metros, esse sangue era de esmalte vermelho e parecia real... quando eu vi essa instalação me deu uma dor no meu coração e eu saí correndo atrás da minha filha que no momento estava com 6 meses.

Entrevistadora: Para finalizar, segundo a filosofia, fale uma “máxima” que você carrega consigo.

Mapige: Heráclito de Efeu (aprox. 535~475 a. C.): Filósofo grego, a quem é creditado a criação da doutrina do “fluxo”, a teoria da impermanência e da mudança. Não se pode pisar duas vezes o mesmo rio, uma vez que o fluxo da correnteza garante que nova água continue a substituir a antiga.

Esse pensamento ao mesmo tempo que fala da arte, fala também das nossas

salas de aula nem uma mare é igual a outra, assim como nenhuma sala de aula é igual a outra, são fluxos de forma de ensinar libertadora e de águas e mares transformadoras que falam do lugar de onde vem os estudantes e os professores.

Entrevistadora: Você autoriza a publicação e uso de imagens dessa entrevista?

Mapige: sim.

Considerações finais

Depois de conhecer a arte mostrada pelo olhar da professora Mapige, chego ao final dessa entrevista entusiasmada com as impressões e pela riqueza de conhecimentos que esse encontro ensejou. Seja pela experiência com a arte baseada em Dewey (2010) e na experiência transformadora que ressalta a atuação da artista professora na educação.

Entendendo que “Ser professor-artista é uma maneira de estar na vida, assim como uma prática profissional (Jesus, 2013, p. 41). Num constante exercício de prática-artística e prática docente.

Ao mesmo tempo em que construía as perguntas para esta entrevista, eu pensava, sobre quais seriam as minhas questões como professora artista, dialogando também com esse espaço que transcende os muros das escolas ou que denuncia, cria, soluciona, problematiza, desvenda e dialoga com o mundo.

“Os artistas entendem que não estamos na frente do mundo: estamos no mundo”. (Borriaud, 2021, On-line, s.n). Considero muito importante pensar a arte sob a perspectiva de artista, do pensamento intelectual e da sensibilidade para mobilizar a realidade.

Auscultar a artista professora foi como ouvir os sons do seu coração, da sua poética que extravasa a sua pele, das suas cores que brilham intensamente, nos seus experimentos que alumia a se libertar das adversidades do mundo e a se transformar por meio do ensino das artes visuais seja na aprendizagem e/ou na criação artística.



Figura. 9 Obra em Pintura e uso colagens de materiais naturais. Fonte: MAPGEMAQUE WORDPRESS (2014)

Referências

BARBOSA, Ana Mae. **John Dewey e o ensino de arte no Brasil**. 5ªed. São Paulo: Cortez, 2002.

BOURRIAUD, Nicolas. Nicolas Bourriaud: “A arte torna visível o invisível: e hoje estamos marcados por um vírus que não pode ser visto”. In. **Perfil** [On-line]. 11 mai. 2021. Disponível em <https://brasil.perfil.com/noticias/mundo/nicolas-bourriaud-a-arte-torna-visivel-o-invisivel.phtml>. Acesso em: 13 mar. 2024.

BOURRIAUD, Nicolas. **Radicante**: por uma estética da globalização. Tradução Dorothée de Bruchard. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

DEWEY, John. **Arte como Experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GEMAQUE, Mapige. Minha Cor (É) Vermelha: performance como ritual, imagem como pele da performance. In. **Revista Poiésis**, Niterói, v. 22, n. 37, p. 63-76, jan./jun. 2021. Disponível em <https://periodicos.uff.br/poiesis/article/view/47235/27478>. Acesso em: 13 mar 2024.

GEMAQUE, Maria Pinho. Livro de artista: Processo de criação em performance e poéticas visuais em uma escola amapaense. In. **Revista Arteriais**, revista do ppgartes/ica/ufpa/ v. 6, n. 10, p. 51-68, jun. 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ppgartes/article/view/10576>. Acesso em: 13 de mar. 2024.

JESUS, Joaquim Aberto Luz de. **(In)Visibilidades: um estudo sobre o devir do professor-artista no ensino em artes visuais** -Tese de Doutorado em Educação Artística -UPOrto -Portugal, 2013.

KOZINETS, Robert. **Netnografia** - Realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre, Penso, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

MAPGEMAQUE WORDPRESS. **Mapige Gemaque** [On-line]. Disponível em <https://mapgemaque.wordpress.com/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

UNIFAP. **Estudantes de escola pública visitam exposição da Galeria de Artes da UNIFAP**. In. Universidade Federal do Amapá [On-line], 14 de agosto de 2014. Disponível em <http://www.unifap.br/estudantes-de-escola-publica-visitam-exposicao-da-galeria-de-artes-da-unifap/>. Acesso em: 13 mar. 2024.

Submissão: 18/03/2024

Aprovação: 05/04/2024